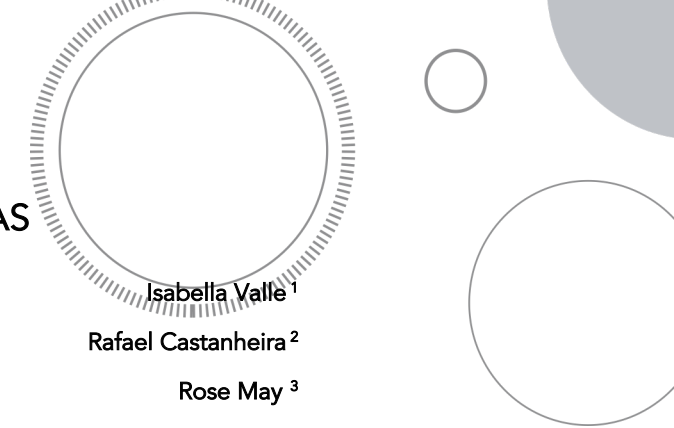


FOTOGRAFIA, CRISES E CONTEMPORANEIDADE: OLHARES SOBRE EXISTÊNCIAS



Isabella Valle¹

Rafael Castanheira²

Rose May³

A humanidade vem produzindo um mundo em crises. Na Medicina, a palavra crise expressava um limite entre a vida e a morte. Falava-se, também, de uma espécie de momento crucial de uma doença. Um momento de desequilíbrio sensível, delicado, algo que requer uma atenção ou cuidado. A contemporaneidade se faz marcada por instabilidades ambientais e socioculturais, notadamente as mudanças climáticas, o racismo, as opressões de classe, gênero e sexualidade, que nos colocam na urgência ao enfrentamento de questões políticas, afetivas, ecológicas, sanitárias, econômicas, tecnológicas, entre tantas outras, todas atreladas entre si.

Do ponto de vista das imagens, vivemos uma cultura visual marcada por subjetividades emergentes, polifônicas e heterogêneas, que dialogam constantemente com nossas bases históricas, pautando problemas mal resolvidos, reescrevendo fatos, feitos e percepções sobre nossa formação e pertencimentos, Tateando processos comunicacionais mais acessíveis, comprometidos, difundidos e dinâmicos, e sobretudo atuando em muitos casos nos limites da existência.

Neste dossiê, buscamos unir textos (verbais e visuais) que nos ajudem a pensar sobre o mundo atual, suas crises, esgarçamentos e ressignificações, através das suas relações com a fotografia. Aqui, partilhamos generosas contribuições de pesquisadoras/es - autoras/es e avaliadoras/es - no aporte de caminhos que nos oferecem reflexões sólidas, inquietantes e pertinentes.

Apresentamos 20 artigos em uma proposta ordenada de leitura que nos leva a percorrer algumas dessas rotas. Começamos por questões mais técnicas da linguagem fotográfica para pensar suas afetações estéticas e políticas: em "Balanços sem fim", de Rafael Giovani Venuto e Flávia Garcia Guidotti, os tremores nos levam a pautar subjetivações; já em "A potência do falso", Luli Hata

¹ Programa de pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba, PB, Brasil. E-mail: isabella.valle@academico.ufpb.br - ORCID:0000-0001-6994-258X

² Programa de pós-graduação em Comunicação da Universidade Católica de Brasília, DF, Brasil. E-mail: emaildocastanheira@gmail.com - ORCID: 0000-0002-2878-667X

³ Programa de pós-graduação em Comunicação da Universidade de Brasília, DF, Brasil. E-mail: rosemaybsb@gmail.com - ORCID: 0000-0001-9622-8381

promove uma reflexão sobre a relação entre a manipulação fotográfica e a cosmogonia indígena; e Ludimilla Carvalho Wanderlei, em seu texto "Ruído e fotografia experimental", vincula a presença de ruídos com a construção da ideia de feio, levantando questões de gênero e raça.

Em seguida, temos um bloco de textos que, adentrando nas imagens presentes na internet, nos levam a pensar sobre: as construções narrativas visuais de crianças originárias de países marcados por grandes deslocamentos transnacionais, em "A mobilização da infância em fotos de migração e refúgio no Instagram da Reuters", de Nádia Nunes Lage e Ana Carolina Lima Santos; os estereótipos da pessoa negra, em "A imagem enquanto produtora de discursividades racistas em textos de imprensa", de Hélder Paulo Cordeiro da Nóbrega, Ed Porto Bezerra, Vlamir Marques Duarte e Oriosvaldo de Couto Ramos; as famílias negras, em "Contravisualidades a partir da série Olhares Negros", de Julianna Nascimento Torezani e Emmanuely Ribeiro de Abreu; e, por fim, para além das imagens, em "Fotografia, consciência coletiva e autoimagem entre identidades e identificações", Ana Taís Martins parte das selfies para nos levar a refletir sobre como a construção da identidade transcende a consciência individual, tendo o inconsciente coletivo como condição de possibilidade para isso. Seguindo o fio, mas fora da internet, "Imagens que ecoam", de Alessandra Marinho Bouty e Gabriela Frota Reinaldo, relaciona imagens, memórias e suas sobrevivências na contemporaneidade; enquanto Júlio César Rigoni Filho e Kati Caetano, com "A contextualidade da Covid e a atemporalidade do consumo de drogas e tabaco em fotografias midiáticas", falam de condutas moralizantes presentes nas visualidades.

Depois, Eliana Monteiro, a partir de uma única imagem, de uma mãe fotografando o assassino da filha, em "Epílogo de um crime", nos faz adentrar na compreensão dos dispositivos, para, por fim, retomarmos reflexões políticas a partir de conjuntos específicos de fotografias. Primeiramente, com olhares mais históricos - começando por um olhar pessoal com viés familiar sobre o contexto ditatorial argentino no texto "Fotografía, investigación, memoria" de Alejandro Erbetta; seguido por "Fotografias da crise da democracia", em que Cayo Dayrelli Santos e Francine Altherman analisam imagens da exposição itinerante Democracia em Disputa que abordam os diversos momentos que marcaram a história democrática no Brasil nas últimas sete décadas; e, então, vamos a acervos locais, como o da cidade de São João Marcos, em "Fotografias que contam a história", de Elis Crokidakis Castro; e o do Estado de Pernambuco sob a proposta de Marcela Barbosa Lins e Guilherme Figueredo Benzaquen, em "Fotografias e levantes em Pernambuco".

Finalmente, na última parte dos artigos deste dossiê, partimos para olhares mais contemporâneos, como os de Aline Souza e Solange Jobim, em "Havana entre a câmera e o flâneur", que nos falam de uma nova proposta ecológica, econômica e social presente em Cuba; e os de Danielle Parfentieff de Noronha e Maria Cristina Simões Viviani, em "Práticas decoloniais", que nos levam ao Pará sob as lentes afiadas de Naiara Jinkns; ou mesmo os de Ribamar José de Oliveira Junior e Diego Paleólogo que, em "Nós, as monstros", abordam os corpos queer nas fotos de performance da obra de Alex Oliveira no Rio Grande do Norte; e ainda o de Eduardo Queiroga em "Luz, mão e sombra em uma fotografia que se faz entre camadas e lacunas", que discorre sobre visibilidade e invisibilidade na comunidade surda pela obra de Tatiana Martins; e o de Angie Biondi e Ângela Cristina Salgueiro Marques, em "What remains", sobre

as mulheres na fotografia de Mônica Lozano. Por fim, Maria Cecília Conte Carboni, em "Apenas uma morte", nos faz seguir os rastros de Dulce Carneiro e trazer à tona vida e obra desta pioneira da fotografia brasileira.

Como espaço de reflexão visual, a seção Visualidades apresenta dois ensaios fotográficos de caráter documental sobre questões indígenas e ambientais no Brasil. Em "Pseudo indígenas", Ana Mendes, com orientação de Horácio Antunes, fotografa e recolhe depoimentos de dois povos indígenas, os Akroá Gamella (Maranhão) e os Guarani Kaiowá (Mato Grosso do Sul), abordando de maneira poética sua luta pela garantia de seus territórios. Com carvão e tinta nanquim, Ana faz interferências sobre as imagens, nelas transcrevendo frases preconceituosas que são constantemente dirigidas a esses povos. Já "Memento Mori", de Luzo Reis com orientação de Susana Dobal, nos coloca diante das crises ambientais, mais especificamente da seca e das queimadas no Pantanal brasileiro, em uma relação de testemunho, evidência, memória e sonho com as imagens fotográficas.

Este número se torna, para nós, também um símbolo de luta e resistência dentro do contexto científico, acadêmico e político nacional, em um momento crítico de um país que perdeu mais de 600 mil vidas para a Covid-19, uma escala de consequências não apenas promovidas universalmente pelo estado sanitário pandêmico, mas muito pelo descaso evidenciado em sintomas políticos expostos em diversas telas, tessituras e formatos. Tudo se atrela. O que apresentamos aqui é fruto do trabalho coletivo e da parceria de pesquisadoras e pesquisadores de um campo tão importante como secundarizado - o das imagens. Oxalá possam prosperar e serem vetores de uma profunda transformação.